

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque (em vermelho) : Matérias que citam o ministro Wellington Moreira Franco ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: Redução de IPOs no Brasil segue tendência global, diz consultoria	2
VEÍCULO: O Globo	4
Título: Sem excessos	4
Título: Populistas versus humanistas :: Cristovam Buarque	6
Título: Transporte por navios em portos do país cresce 27,6%	8

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 25/12/2018****Seção: Colunas****Autor: Mercado Aberto: Maria Cristina Frias****Título: Redução de IPOs no Brasil segue tendência global, diz consultoria**

O Brasil seguiu a tendência mundial nos IPOs (ofertas públicas de ações) deste ano, segundo a EY.

Houve uma queda no número de empresas que colocaram suas ações na Bolsa, mas a quantidade de mega-operações aumentou.

Em momentos de tensão, o risco reduzido das ofertas de grande porte chama mais a atenção dos investidores, segundo Guilherme Sampaio, sócio da consultoria.

Um bom exemplo foi a abertura de capital do grupo japonês Softbank, que captou 2,65 trilhões de ienes (R\$ 93 bilhões, de acordo com a cotação do câmbio atual).

As causas de incerteza que explicam essa tendência, porém, são distintas, conforme afirma o executivo da empresa de auditoria.

"No cenário global, há uma tensão geopolítica crescente entre a China e os Estados Unidos, além das dificuldades ocasionadas pelas negociações para a saída do Reino Unido da União Européia", diz ele.

"Enquanto isso, no Brasil, a seca das ofertas no segundo semestre esteve ligada ao cenário político e econômico interno."

A expectativa é que as listagens na B3 em 2019 se concentrem entre o fim do primeiro trimestre e o segundo, afirma Sampaio.

"Há uma fila, tivemos 6 ou 7 companhias que postergaram os IPOs neste ano e algumas outras que já tinham se preparado. A prova de fogo será como se dará a discussão econômica nos primeiros cem dias do governo."

PARA BAIXO DO GUARDA-CHUVA

A Praxio, empresa de softwares para transportes de carga e passageiros, fez três aquisições de concorrentes nos últimos 12 meses, por uma soma de R\$ 40 milhões.

Há planos para continuar com as compras, de acordo com o diretor-executivo Valmir Colodrão.

"Já conversamos com cerca de 30 empresários, fizemos visitas e selecionamos aqueles que são mais alinhados aos nossos valores. Nós costumamos manter os executivos das companhias que adquirimos", afirma ele.

Ao analisar uma compra, a Praxio também procura soluções tecnológicas que ela mesma não oferece, afirma.

Interessada nos mercados de México e Chile, a empresa planeja entrar em um deles por meio de compra ou de sociedade.

Um grupo sueco fez um aporte na empresa em 2016.

Os softwares da Praxio gerenciam as tarefas de motoristas, como as entregas e coletas que precisam fazer, além de monitorarem o próprio veículo, como o momento para trocar pneus etc.

Corretoras de criptomoedas se readequam a regras e valores

A queda das cotações de bit-coins e uma provável mudança de regulamentação brasileira sobre criptomoedas têm levado as empresas do segmento a se reorganizar e discutir qual a melhor forma de responder às mudanças.

A Receita Federal ouviu sugestões sobre propostas para aperfeiçoar a cobrança de impostos e a coleta de informações sobre os correntistas.

O volume de dados que o órgão quer obrigar as corretoras a entregar as forçaria a contratar mais gente, o que elas não conseguem fazer, diz Fernando Furlan, da Associação Brasileira de Criptoativos.

"Esse é um setor novo, a exigência representa gastos e despesas que podem implicar a inviabilização de negócios.

A queda de valor da principal moeda, bitcoin, fez empresas se readequarem, diz Natália Garcia, diretora jurídica e sócia da Foxbit.

"É um amadurecimento. Tem muita corretora à venda ou em busca de fusões."

mãos dadas A italiana Sebigas, que atua no setor de biogás, firmou uma joint venture com a brasileira Cótica, de engenharia, para fechar contratos de novas usinas. O investimento envolvido na operação é de R\$ 10 milhões.

LUZ NO SUBSIDIO

O subsídio que consumidores do mercado livre de energia têm na distribuição equivaleria ao que 300 mil residências obteriam com painel solar em casa, segundo levantamento da Allez.

"Não há da reza a respeito de custos nas tarifas da maioria das famílias", diz Alexandra Januário, sócia da consultoria.

A empresa atua com energia distribuída, e fez o estudo para argumentar que os subsídios implícitos, como o do uso de fiação que permite inserir e tirar energia do sistema, são menores que os de outros tipos.

A Aneel (agência do setor) tem discutido a cobrança de estrutura das distribuidoras pelos donos de painéis solares. O número de casas com o equipamento chegou a 50 mil em 2018, segundo o órgão.

com Felipe Gutierrez (interino), Igor Utsumi e Ivan Martínez-Vargas

VEÍCULO: O Globo

Data: 25/12/2018

Seção: Economia

Autor: GLAUCE CAVALCANTI, LETYCIA CARDOSO, HELLEN GUIMARÃES* E ALYNE BITTENCOURT

Título: Sem excessos

Natal da cautela: presentes baratos e pagos à vista

Com o país saindo a passos lentos da crise econômica, o tom do consumidor neste Natal foi de cautela. Após um ano de grandes incertezas na economia e na política, o brasileiro está mais otimista para 2019, mas isso não se refletiu no consumo. Segundo comerciantes e especialistas em varejo, o mote deste Natal foi comprar presentes baratos e, de preferência, pagos à vista.

E este é um comportamento que deve se repetir em 2019. A melhora nas expectativas só deve se refletir em gastos maiores quando houver uma melhora mais consistente no mercado de trabalho. Com o número de desempregados no país ainda acima de 12 milhões e muitos brasileiros trabalhando na informalidade, falta confiança para comprar. Nem mesmo a inflação baixa deu alívio no orçamento, já que o endividamento ainda é alto.

A Saara, tradicional comércio popular carioca, foi a opção de muitos consumidores antes da chuva que caiu nesta véspera de Natal. A promotora de

vendas Irinea Mello esperou o 13º salário cair na conta para comprar lembrancinhas de até R\$10 para filho, nora e neto.

— Aqui é meu shopping — comentou.

Por volta da hora do almoço, quando a chuva começou a cair, o movimento que já não havia sido tão grande minguou. Segundo a gerente da Aidan Festas da Saara, Maria Rodrigues, o dia de maior movimento foi sexta-feira. Mesmo assim, as vendas caíram cerca de 20% em relação ao ano passado. A precaução do consumidor foi notada nas pesquisas da Confederação Nacional do Comércio (CNC).

— O consumidor está mais cauteloso pela incerteza com o futuro do emprego e optando por usar o 13º salário para quitar dívidas, para não entrar em 2019 endividado — afirma Fabio Bentes, chefe da Divisão Econômica da CNC.

Este será o segundo Natal com crescimento de vendas consecutivo, estima a CNC,

após quedas em 2015 e 2016. O avanço, porém, deve ser de 3,1%, abaixo dos 3,9% de 2017, alcançando faturamento de R\$ 34,6 bilhões.

NATAL DA LEMBRANCINHA

A inflação média do país ficou abaixo de 4%, mas a alta do dólar e das tarifas administradas, como energia elétrica e combustíveis, fez a cesta de bens e serviços típicos do período natalino subir 4,5%, a maior expansão desde 2016. No ano passado, esta cesta teve recuo de 0,5% às vésperas do Natal, segundo estimativa da CNC.

— Os consumidores enxergam uma melhora na economia, frente a 2017. Estão mais otimistas, mas, na prática, isso ainda representa muito pouco. As pessoas

querem presentear, mas falta folga no orçamento para isso. E, quanto menor a renda, mais gente planejando gastar menos no Natal — destaca Rodolpho Tobler, coordenador da Sondagem do Comércio do Ibre/FGV.

A sondagem da FGV mostra que, este ano, a intenção de compra do brasileiro subiu levemente sobre 2017, mas continua abaixo de 2014, ano em que teve início a recessão. Os mais pessimistas são os consumidores de menor poder aquisitivo. Na faixa dos que têm renda mensal de até R\$ 2.100, 61,1% pretendem gastar menos, diz a pesquisa da FGV.

O Natal do "amigo oculto" ou da lembrancinha está desenhado ao considerar o preço médio do presente, que recuou 9,7% neste Natal, para R\$ 94,40. Esse valor caiu em três das faixas de renda pesquisadas, com exceção da mais alta (acima de R\$ 9.600).

Nos shoppings, a saída foi fazer sorteios para atrair clientes. Tanto o Plaza Shopping Niterói como o Norte Shopping sortearam iPhones. No Botafogo Praia Shopping, o movimento foi maior ontem: o número de carros passando pelo estacionamento aumentou 8% em relação à semana passada. Outro indicador de alta foi a promoção que vai sortear uma viagem para Orlando, que registrou alta de 24% na participação ante a de 2017.

(*estagiária, sob supervisão de Luciana Rodrigues)

VEÍCULO: O Globo

Data: 25/12/2018

Seção:

Autor:

Título: Populistas versus humanistas :: Cristovam Buarque

Difícilmente um prefeito convence seus eleitores a elevar hoje o preço da gasolina, para evitar que o nível do mar suba no final do século. Ainda que tivessem solidariedade com as próximas gerações, os eleitores sabem que o problema climático é planetário, não é provocado apenas pelos carros de sua cidade. Com seus interesses locais e visão de curto prazo, o eleitor de um país não representa a humanidade, de hoje e do futuro. Promessas de emprego, renda e consumo no presente representam melhor a vontade dos eleitores do que a ideia de salvar a Terra no futuro. Por isso, quando os governantes elaboram pactos internacionais, eles têm dificuldades em ratificar e cumprir essas decisões por seus eleitores, na hora em que os sacrifícios ficam conhecidos.

O mesmo ocorre com outros problemas do mundo global, como a imigração. O fechamento de fronteiras atrai mais apoio do que a proposta de aceitar imigrantes. Os eleitores não gostam de sacrifícios para proteger o meio ambiente, nem medidas de abertura de fronteiras para receber imigrantes que vão ocupar suas ruas, seus empregos, suas escolas. Para o eleitor, "nós" representa a família, a cidade ou o país, não a humanidade e o planeta. Daí a dificuldade em obter simpatia popular para acordos como de Paris, sobre meio

ambiente, e o de Marrakech, sobre migração, assinados por presidentes nacionais que serão substituídos por novos presidentes, quase sempre com ideias contrárias, quando os eleitores elegem populistas nacionalistas.

A democracia, nacional e imediatista, não tem visão de longo prazo, nem é solidária internacionalmente: não é humanista. Mesmo autores que falam dos riscos da democracia analisam a fragilidade do regime democrático na ótica dos problemas internos dos países, e não pelo fato de que a democracia não oferece solução para os problemas contemporâneos, globais e de longo prazo. Para estes autores, os problemas da democracia decorrem da maneira como líderes e partidos agem em suas disputas internas; não porque o Planeta e a Humanidade se transformaram em temas políticos, não mais apenas filosóficos, ainda que os eleitores não captam o novo sentimento e a nova lógica. A democracia ficou atrasada em relação aos avanços tecnológicos e sociais em escala global.

Os limites nacionais das regras democráticas não permitem cuidar, de maneira plena, dos limites da ecologia, nem da expansão da migração. Por isso, o debate político não está mais entre as velhas “direita” e “esquerda”, mas entre utópicos humanistas e populistas pragmáticos. E estes tendem a ganhar, até quando a pedagogia da catástrofe transformar o eleitor provinciano em um humanista. Mas quando isto acontecer, já pode ser tarde. Para enfrentar a crise ambiental, não bastam a cidadania e a democracia, inventadas para administrar cidades. Para cuidar desse Novo Mundo será preciso criar um sentimento de “planetania”, que vá além da cidadania, e uma prática de “humanocracia”, que vá além da democracia.

Mas o futuro visível não nos permite prever um eleitor globalizado em uma democracia planetária. A “humanocracia” vai exigir respeitar o voto do eleitor local e imediatista, mas sob um escudo humanista, contando com valores éticos universais que parem acima das decisões eleitorais nacionais e imediatistas: o equilíbrio ecológico, a sobrevivência das espécies, a sustentabilidade do processo produtivo e de consumo, a solidariedade humana, independentemente da nacionalidade.

Cristovam Buarque é senador (PPS-DF)

VEÍCULO: O Globo**Data: 25/12/2018****Seção: Economia****Autor: Rennan Setti****Título: Transporte por navios em portos do país cresce 27,6%**

Expansão da cabotagem no terceiro trimestre reflete busca por alternativas ao frete tabelado. Setor reclama de tributação

Uma das alternativas às estradas, a cabotagem já é impulsionada pelas consequências da greve dos caminhoneiros e do tabelamento do frete. O volume de cargas transportadas no terceiro trimestre foi 27,6% superior ao mesmo período do ano passado, segundo números da Associação Brasileira dos Armadores de Cabotagem (Abac). O dado considera apenas cargas destinadas ao mercado doméstico. Isso consolida a tendência de crescimento que vem ocorrendo nos últimos anos. O número de contêineres transportado pela cabotagem cresceu 11,7% ao ano entre 2008 e 2017.

— Não podemos ficar reféns do tabelamento de frete. O setor cafeeiro olha a cabotagem como alternativa importante, já que temos um consumo interno fortíssimo — disse Nelson Carvalhães, presidente do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

Para Cleber Lucas, presidente da Abac, "a ficha dos embarcadores caiu" depois da greve e do tabelamento. Segundo Lucas, o setor será capaz de absorver o crescimento da demanda, mas ele reclamou da interferência do governo na competitividade entre os modais.

— O modal rodoviário ganhou tabelamento de frete, redução do preço do diesel e desoneração da folha, promovendo uma competitividade assimétrica. Enquanto isso, o governo nunca teve uma política de Estado para a cabotagem — criticou.

Uma antiga demanda do setor ainda não resolvida é a tributação do "bunker" (combustível de navegação). Enquanto armadores estrangeiros abastecem no

Brasil sem pagar imposto, a cabotagem brasileira paga PIS/Cofins e ICMS.

TRANSIÇÃO GRADUAL

Segundo Cláudio Frischtak, sócio da consultoria Inter.B, dada a antiguidade da concentração em caminhões, a transição para uma matriz de transporte menos dependente deles só poderá ser gradual e dependerá de mudanças regulatórias.

Para Frischtak, uma das medidas cruciais para a mudança de modelo seria permitir às ferrovias adotar o modelo de autorização, não apenas o de concessão, como já acontece com portos privados.

— Assim, o governo deixaria o mercado controlar o preço. Isso permitiria a construção das chamadas "short lines" (ferrovias menores), já que o grande gargalo ferroviário no Brasil é a última milha. Nos EUA, tem ferrovias desse tipo sendo operado até por famílias — contou, acrescentando que, no Senado, tramita projeto de José Serra (PSDB-SP) que propõe justamente isso.

(Rennan Setti)

MME / ASCOM .